

estudo dos temas relacionados a essa área. Além disso, como diretora do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), vem participando de projetos importantes, como o lançamento recente do curso Engenharia Física. "Hoje a Física do Brasil é destaque mundial, mas precisamos incentivar mais os jovens a fazer ciência e tecnologia e contribuírem com o aumento da competitividade das nossas empresas", diz Marcia que, nos momentos de lazer, adora correr e é fã de filmes de ficção científica.

**JC Empresas & Negócios - O Brasil, capitaneado pelo Rio Grande do Sul, tem retomado a sua atuação em alguns segmentos de alta tecnologia, como o de microeletrônica. Isso explica a decisão da Ufrgs de criar um curso de Engenharia Física?**

**Marcia Barbosa** - Também explica. Nos atiramos nessa aventura de criar esse curso porque o Brasil precisa de forma

e doutores. Na microeletrônica, são cerca de três novos profissionais a cada 12 meses. De fato, não formamos muitas pessoas, mas são profissionais muito qualificados e preparados para aprender a encontrar respostas. Se um aluno nosso for colocado em uma empresa, vai saber se virar. O problema é que nem sempre o mercado está preparado para profissionais que chegam com ideias novas e dispostos a implementá-las. Nosso mercado não parece preparado para pessoas que pensam fora da caixa, como Bill Gates e Steve Jobs.

**Empresas & Negócios - Essa baixa formação é uma realidade apenas brasileira?**

**Marcia** - A física no mundo forma poucas pessoas. É relativamente fácil entrar nesses cursos,

raciocínio abstrato. Prova disso é que, a cada ano, ingressam 135 alunos nos cursos de Engenharia da Ufrgs, e cerca de 30 acabam indo até o final. Mas, o fato das faculdades de engenharia não formarem muita gente no Brasil não assusta. O que preocupa é que os nossos formandoos ficam todos na academia. E nisso somos muito diferentes do resto do mundo, já que, lá fora, as empresas absorvem esses físicos. Precisamos que isso passe a acontecer também no Brasil.

**JC Empresas & Negócios - Como a formação de novos engenheiros é decisiva para a economia de um País?**

**Marcia** - Temos que desenvolver os nossos próprios produtos e, para isso, a participação de engenheiros é fundamental. Mas

*"Temos que desenvolver os nossos próprios produtos e, para isso, a participação de engenheiros é fundamental. Mas a mentalidade dos empresários também precisa mudar"*

as empresas fizerem tecnologia, e não simplesmente comprarem produtos prontos do exterior. Só assim vamos desenvolver uma inteligência local e projetar uma economia mais competitiva. Temos algumas empresas fazendo desenvolvimento local, como a Braskem e a Altus, entre outras. Mas precisamos mais. O setor de calçados deveria estar investindo mais em novos produtos, senão não tem como concorrer com a China. O mesmo vale para a indústria metalmeccânica. Tínhamos que estar produzindo o nosso carro, como a China, a Índia e a Coreia já fazem.

**Empresas & Negócios - O engenheiro costuma ter um perfil bastante técnico. Isso é um problema hoje em dia na adequação dos produtos às demandas do mercado?**

**Marcia** - Alguns alunos têm perfil estritamente acadêmico, é difícil mudar. Porém, também é nossa missão lançar no mercado engenheiros com uma visão mais empresarial. Para isso, os cursos precisam expor os alunos

máxima na avaliação de pós-graduação no Brasil feita pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Hoje são sete cursos disponibilizados, em uma diversidade de cores e sabores muito interessante. Apesar de não termos espaço físico suficiente para crescer no Campus do Vale e de o Estado não receber os recursos que deveria nessa área, temos os pesquisadores mais citados do País. E somos altamente especializados em algumas áreas. Temos, aqui na Ufrgs, o melhor grupo de estudos de astronomia do País, fazendo observações importantes como a identificação de buracos negros, que nos contam história do universo. Temos pessoas participando desse momento científico muito importante. Além disso, existem aqui sofisticados laboratórios de microeletrônica. Um dos resultados disso é que o Instituto de Física da Ufrgs está produzindo todo material humano que está indo trabalhar na Ceitec para produzir novos chips, como o do boi.

